

df - Ceilândia

CEILÂNDIA NORTE



Na Ceilândia Norte, as deficiências de infra-estrutura urbana se generalizam. A iluminação limita-se, praticamente, às residências. A água é escassa. Não há esgotos. Nem pavimentação das ruas. A propriedade dos lotes ainda não está definida. A coleta de lixo é esporádica. Transferidos para ali de cinco favelas, os moradores reclamam de tudo. É difícil saber qual o principal problema dessa comunidade que tem a menor renda per capita e o maior índice de criminalidade do Distrito Federal. Para o jovem Jaudemir Medeiros da Silva, 20 anos, que quer fazer o supletivo e não pode, "o maior problema da Ceilândia é a falta de instrução do povo". Para outros, é a falta de organização da comunidade, para fazer valer suas reclamações. Esses assuntos, eles discutem perto das torneiras públicas, nas ruas permanentemente cobertas de poeira e de lixo que a população atira na lixeira comum, as próprias ruas.

O problema é avaliar os problemas

Março de 1971 a março de 1972. A campanha de Erradicação das Invasões (CEI) transferiu para 20 mil lotes próximos de Taguatinga Norte os moradores das favelas denominadas Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão, Morro do Querosene e Morro do Urubu, que formavam a chamada Invasão do IAPI. Assim nasceu a Ceilândia, batizada com o nome derivado da sigla do órgão que fez a transferência.

As precárias condições de vida na Invasão do IAPI foi que motivaram o Governo da época a decisão de transferir essa gente para - como foi anunciado - "um núcleo habitacional dotado de toda a infra-estrutura e equipamentos comunitários indispensáveis à vida humana".

Julho de 1976. O que primeiro chama a atenção de quem chega à Ceilândia Norte é a quantidade de lixo espalhado por toda parte, ao longo das ruas. São os moradores que atiram o lixo caseiro na via pública, mas alegam que fazem isso porque o Serviço de Limpeza Urbana só faz coleta, no máximo, duas vezes por semana, e quando vêm, os caminhões ajudam a espalhar pelas ruas o que foi retirado das latas.

Maria Pedrinha Furtado, moradora do Lote 25, Conjunto J, na QNM-6, acrescenta:

-As vezes, aparece o carro de lixo, mas nem sempre entra na rua. Já se juntaram essas mulheres daqui todinhas e foram pedir à Administração Regional pra dar um jeito. Mas continua tudo na mesma.

A rua do Conjunto "J" é uma das que está em pior estado: cheia de lixo e esburacada. Nem o caminhão do gás se aventura a entrar lá em dia de chuva, o que obriga os moradores a comprar os tujões diretamente no posto de revenda.

Como o lixo é espalhado por toda a parte, pelo vento e pelos animais, é no

meio do lixo que as crianças brincam, expondo-se a todos os tipos de doença que podem ser transmitidas pela falta de higiene.

Se não bastasse o lixo para deteriorar a qualidade da vida nas ruas da Ceilândia Norte, a poeira é outro tormento para os moradores. Nesta época seca e de vento, das ruas e outras áreas sem urbanização, elevam-se nuvens compactas de poeira, que chegam a cobrir completamente a visão até de quem está protegido dentro dos carros. Nada escapa a essa outra espécie de praga na Ceilândia: a poeira entra na roupa e nos cabelos das pessoas, penetra nas frestas das janelas fechadas, nos móveis, contamina os alimentos, entope os pulmões e provoca doenças das vias respiratórias.

AGUA

A precária situação do abastecimento de água na Ceilândia Norte transformou-se num fator de tensão daquela comunidade, além de representar um agravante do problema sanitário. A rede de abastecimento divide-se em duas partes: a que atende diretamente às casas e a que atende às torneiras públicas. A segunda é mais eficiente do que a primeira, pois nas casas a água falta com muita frequência. Para suprir a necessidade diárias, as donas-de-casa têm de usar, pelo menos, 200 litros, o equivalente a um tambor ou camburão. Quando a água falta nas torneiras domésticas, a opção é carregar de uma torneira pública, que pode estar a várias centenas de metros de distância, ou comprar um tambor de água dos vendedores, ao preço de Cr\$ 15,00 cada.

Maria Pedrinha Furtado se lamenta: -A água passa três ou quatro dias na semana sem pingar. Quando a gente tem dinheiro, compra dos carroceiros. Mas eles só querem vender a carga completa, que é de dois camburões, ou seja, Cr\$ 30,00. Não há quem aguente.

Mesmo assim, aí de nós se não fossem eles.

Entre as QNM 17 e a 19, há uma torneira pública. Na verdade, é um cano de, aproximadamente, seis metros, alimentado por uma bomba, com várias saídas de água, onde se instalam as lavadeiras e onde as pessoas, principalmente mulheres e crianças, fazem filas para encher as latas que levam para casa.

Como é preciso o mínimo de 200 litros para o consumo diário, cada pessoa tem de carregar 12 latas de 20 litros para encher um camburão (descontadas as perdas com o transporte de água).

A torneira pública é uma atração para as crianças, que se divertem brincando na lama formada com barro e lixo (pois não há praticamente um palmo de terra na Ceilândia que não tenha lixo).

DA ATE BRIGA

Essa torneira pública das QNM/17 e 19 atende também aos moradores das QNM 21 e 23, ou seja, até duas quadras adiante, quando a torneira que serve essas duas últimas quadras é fechada por qualquer motivo, como os defeitos na bomba alimentadora.

Alice Nunes da Silva, que mora no Lote 48, Conjunto "K", da QNM-19, diz que essas interrupções no fornecimento de água são frequentes, o que aumenta exageradamente o número de pessoas nas filas da torneira das QNM-17 e 19.

-Tem dia que dá até briga, aqui, pra apanhar água. Todo mundo tem pressa pra cuidar do seu serviço, então dá aquela confusão se alguém fura a fila.

Alice diz que "já não tem conta as vezes que as moradoras foram reclamar de falta de água, na Administração

Regional da Ceilândia".

-Mas não tem jeito. A administradora não quer nem receber a gente. Isso aqui nunca vai passar duma favela. Pelo menos, deviam aliviar o sacrifício ou gente. Quem trabalha fora, então, às vezes tem que vir de noite carregar água. As mulheres daqui já estão com tanta raiva que se pegam a administradora são capazes de bater nela.

Alice acha que não adianta: mais essas reclamações pessoais ou mesmo de pequenos grupos de donas-de-casa. Propõe uma outra solução, apoiada por algumas companheiras reunidas junto da torneira pública:

-O que a gente devia fazer, aqui os moradores da Ceilândia Norte, era se organizar pra dar força às reclamações. Uma espécie de associação, sabe? Se por aqui mesmo não se conseguir nada, a gente podia ir até ao Governador. Alguém tinha que ouvir a gente e resolver o problema. A administradora regional devia, ao menos, dar uma satisfação a gente, uma esperança.

Maria Elias da Silva, que tem um bar em sua casa no Lote 48, do Conjunto "J", na QNM-21, acrescenta que na quadra e em várias outras nem mesmo existe rede de abastecimento doméstico. Em frente, fica uma torneira pública, a que frequentemente tem problemas com a bomba e é fechada por causa disso.

ESGOTOS

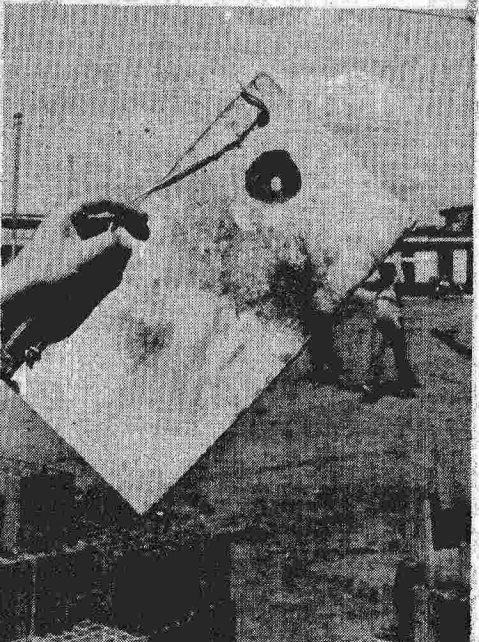
Sem ter ainda um sistema regular de abastecimento de água, a Ceilândia Norte não pode também ter uma rede de esgotos, o que obriga ao uso de fossas. Entretanto, em muitos lugares, como na QNM-17, há moradores que nem se dão ao trabalho de cavar os buracos e, confiantes na falta de fiscalização, despejam na rua os detritos e as águas servidas, que escorrem em valas abertas.



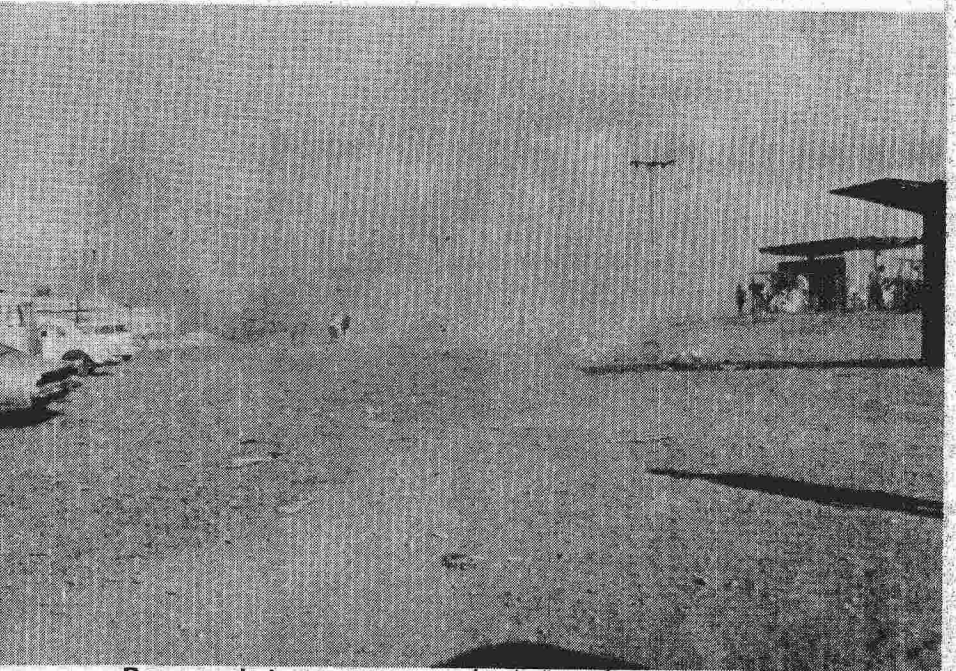
O lixo espalha-se por toda parte, na Ceilândia Norte, como parte integrante da paisagem urbana



As torneiras públicas abastecem a maioria dos habitantes



Uma placa furada a bala



Das ruas de terra, as nuvens de poeira e lixo invadem tudo.

EQUIPE DE

SERVIÇO CB

Coordenação e texto:
Nonato Machado
Reportagem:
Francisco Mascarenhas
Flávio Roseiro
Fotografia:
José Simão da Matta

A Equipe de Serviço do Correio Braziliense estará em Luziânia (GO) sábado, com a Super Rádio Planalto e a TV Brasília- Canal 6.